

Implicações da *aemulatio* e os heróis das púnicas

Andressa Lira Bernardino^{1*}

DIBBERN, Cynthia Helena. *A Eneida de Sílio Itálico: a aemulatio e os heróis de Púnica*. 195 f. 2017. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Na presente tese, Cynthia Helena Dibbern (2017), doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade de São Paulo, compreende as influências de Sílio Itálico na construção do poema *Púnicas*, composto por 17 cantos. Tais influências apontam para aspectos latentes na estrutura do texto e são perceptíveis a partir de uma leitura comparativa que busca correlacionar elementos presentes na literatura latina com que o autor teve contato. Sob a luz do conceito de *arte alusiva*, de Giorgio Pasquali, Dibbern (2017) apresenta, ainda, a possibilidade de considerar que, ao relacionar-se com outros textos, Sílio Itálico presta-lhes reverência e busca dialogar com uma tradição literária.

O objetivo principal deste texto é resenhar criticamente a tese de Dibbern (2017), ao expor, de modo sucinto, o desenvolvimento das ideias-chave de cada capítulo, comentando-as. Sabe-se que o poema *Púnicas*, objeto de estudo da tese, possui 17 cantos, dos quais apenas 5 estão traduzidos para a Língua Portuguesa. Os quatro primeiros cantos estão traduzidos por Filinto Elísio (1734-1819) e o quinto canto está sob uma tradução mais recente, fruto da dedicação do professor Everton da Silva Natividade, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Com isso, considerando os obstáculos de acesso à obra, busca-se proporcionar uma movimentação em torno dos estudos sobre os cantos de Sílio Itálico. Considera-se que tal movimentação é de fundamental importância para suscitar interesses e estimular a construção de futuras pesquisas, pois tem em foco um inédito trabalho sobre a obra.

Dividida em dois momentos, a tese discorre sobre as características das personagens centrais no universo do poema: Aníbal e Cipião Africano, respectivamente. O primeiro momento divide-se em três partes e busca ressaltar os aspectos anti-heroicos que Sílio prescreve a Aníbal já nos primeiros versos. Pelos Fados já vitoriosos, os troianos da *Eneida* são resgatados no poema para aludir às origens de Roma.

.....
¹ Trabalho orientado pelo Everton Natividade para obtenção de crédito na disciplina de Literatura Latina II: Poesia, ministrada no semestre 2017.2, do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Nesse caso, cabe a Aníbal incorporar a fúria de Juno sobre os troianos, e começa opondo-se aos Fados, a fim de não somente dar continuidade à disputa pelo controle geopolítico de Amílcar, seu pai e então líder de Cartago, mas principalmente de reverberar o conflito dos deuses sobre o futuro do mundo.

No primeiro subcapítulo, *A ira de Juno: Aníbal ultor de Dido, anti-Eneias e o modelo de Aquiles*, a autora discorre sobre um Aníbal coadjuvante dos planos de Juno contra os Fados, o qual busca, no poema, saciar sua sede de destruição. É do comportamento intempestivo do cartaginês que surgem as dissonâncias: enquanto esse se empenha na ideia de um extermínio programado que irá impedir o curso natural dos acontecimentos, Eneias, na *Eneida*, faz germinar os frutos sobre os quais nasce uma nação. Já é possível dizer que, ao arquitetar tais movimentos no começo do poema, Sílio confere à narrativa um aspecto menos compromissado com a história, pois bebe da fonte mitológica para a descrição dos fatos. Aos olhos do poeta romano, é, pois, mais provável que a vontade dos deuses conduza o destino do que a fatalidade dos acordos estabelecidos entre as duas potências após a Primeira Guerra Púnica.

Como nos mostra Dibbern (2017), o retrato do líder cartaginês é pintado em tons próximos aos utilizados para ilustrar Eneias na *Eneida*, porém as cores são recombinadas em uma formação nova e por vezes inversa. Dessa mistura, vemos nascer novos contornos, pois a familiaridade presente entre o líder troiano de Virgílio e o Aníbal de Sílio Itálico revelam incoerências que apontam para ironia. Como forma de exemplificar tal enquadramento, a autora traz, sob a perspectiva de Harisson (2010) e Ganiban (2010), o momento em que Aníbal é presenteado com um escudo envolvido por desenhos que representam eventos ocorridos até aquele momento. Dentre os eventos descritos no escudo, é destacado o suicídio de Dido como força motriz da realização da guerra, assim como o juramento feito a Amílcar. Motivado para guerrear, Aníbal não nota, no entanto, que a referência à imagem da desgraçada Dido pode sugerir um futuro de destruição da própria Cartago.

Outros aspectos anti-heroicos de Aníbal destacados na tese são sua individualização e constante precipitação na tomada de decisões. Na epopeia, o cartaginês é descrito como dono de uma fúria impetuosa capaz de sustentar uma noção de guerra esvaziada pelo simples prazer do combate. Assim, Dibbern (2017) atenta tanto para o contraste que essas características negativas trazem em relação ao gênio pacífico do líder troiano, quanto à figura de Aníbal por Sílio Itálico, que terá base na descrição de Tito Lívio. Nesse cenário, podemos inferir que o cartaginês é visto como um líder selvagem, impulsivo, sem princípios morais reconhecidos, o que destoa um pouco do perfil estratégico, inovador e calculista que Aníbal irá incorporar a partir da narrativa do cruzamento dos Alpes até a batalha de Canas. É possível que essas e outras incoerências sejam abarcadas pela explicação de Dibbern (2017)

sobre momentos de elevação das personagens africanas na epopeia: a montagem de um inimigo forte intensifica a reviravolta e consequente vitória dos romanos sobre os cartagineses.

Mais adiante, no segundo momento do primeiro capítulo, o subcapítulo *Aníbal iludido: de Hércules a labor* se debruçará sobre a admiração do anti-herói púnico por Hércules e as incongruências que perpassam os anseios de uma possível identificação entre os dois. O texto elucida os aspectos ambíguos na construção moral do semideus e expõe diversas facetas das quais brotarão múltiplas possibilidades de comparação com heróis nas *Púnicas*.

Posto em perspectiva por meio dos estudos de Tipping (2010) e Vessey (1982), Hércules é apresentado por Dibbern (2017) em seu aspecto irrefreado e violador nos primeiros cantos. Por meio de uma digressão, Sílio alude ao passado de um Hércules que infringe a lei da hospitalidade ao engravidar a filha do rei Bébrix, seu anfitrião, que dará à luz a uma cobra. Diante disso, a autora pontua o prejuízo que a patente de herói sofrerá diante de tais impulsos negativos, mas alerta para o desenvolvimento de um novo Hércules ao longo da epopeia.

A tese também pontua a identificação com que o líder cartaginês evocará Hércules durante o ataque a Sagunto sem, portanto, perceber que o semideus estava favorável à cidade que ajudou a fundar. A parca compreensão de Aníbal é alvo do poeta, bem como explorada na cena em que reage ao ser presenteado com o escudo.

Entretanto, como o texto demonstra, na estrutura proposta pela epopeia, é coerente que Aníbal seja capaz de ver-se na imagem de um Hércules que executa *labores* no extermínio de monstros e é grandioso em seus feitos. Para além da motivação que leva o semideus a tais violentas atividades, ainda que ambos tenham cruzado os Alpes, é principalmente pela inspiração na execução de seus labores que Aníbal se vê refletido. Nesse ínterim, a inserção da digressão de um Hércules transgressor no primeiro momento, preenche a lacuna que mais tarde nos levará a compreender que há um tipo de Hércules que se encaixa nos aspectos negativos do cartaginês e outro que, garantida sua qualidade de herói, será comparado aos feitos de líderes romanos. É desse modo que Sílio se valerá da ambiguidade presente na inconstante moral de Hércules, embora fique claro no cerco a Sagunto que este sempre esteve ao lado de Roma.

No terceiro e último tópico do primeiro capítulo, *Aníbal, (anti)Eneias e Turno*, a tese reforça as alusões em que Sílio Itálico faz Aníbal vivenciar os mesmos caminhos percorridos por Eneias, a fim de não apenas apresentar contraste ao construir sua imagem de anti-herói, mas de revelá-lo como (anti)Eneias.

Com o propósito de ilustrar tais caminhos, o texto recorre ao momento em que, assim como feito por Eneias, Aníbal visita um templo onde estão representadas imagens de guerra nas quais seu povo será superado. Diante da cena, Dibbern (2017) alerta para a diferença na

reação de ambos: o troiano se entristece ao ver as infelicidades de seu exército esmagado, já Aníbal vê-se furioso e manda arrancar as imagens. Com base nisso, a autora também expõe que os intentos do poeta são contrários aos endereçados a Eneias, pois as imagens do primeiro ilustram eventos passados e indicam um futuro promissor de superação, mas no caso de Aníbal, ao delegar a condição de *monumento* às imagens, aponta para acontecimentos futuros.

Embora aqui não fique claro, parece permissível uma leitura que junte os últimos pontos e valide o desespero de Aníbal. Dificilmente este ou qualquer outro poderia manter as faculdades de herói quando os próprios Fados se opõem aos seus esforços para reverter a expansão romana e proteger o seu reinado. Ainda que o texto resgate, posteriormente, momentos em que Eneias mostra-se obediente aos deuses ao vivenciar a prevista derrota dos troianos pelos Fados, é por não partilhar da compreensão de *pietas* que Aníbal não se submete a essa força divina e a outras forças superiores da mesma forma. Ora, uma leitura que propõe encaixar um cartaginês dentro dos aspectos culturais próprios de um romano certamente deixará aquele em desvantagem.

Ainda no capítulo sobre Aníbal, mostra-se que o desentendimento no senado, que conseqüentemente força o cartaginês a retornar para sua pátria no canto 17, é visto com grande lamento e revela uma face mais branda do general, característica que surge em alusão a Eneias. Dibbern (2017) apresenta, diante dessa cena, a perspectiva de Marks (2003), segundo o qual o motivo para tanto pesar estaria no costume de Aníbal, que já havia por tanto tempo pisado em solo italiano. A autora, em contraponto a esse olhar, ressalta que as angústias geradas dessa causalidade são, na verdade, lamentos de um líder determinado que ainda não conquistara o que queria: o poder da terra que naquele momento lhe escapava dos pés, a fim de, por necessidade, regressar a Cartago. Diante dessa última observação, podemos completar, ainda, que as alusões a Eneias e a outros líderes romanos que Sílio Itálico imprime em Aníbal para destoá-lo de um modelo positivo sugerem não somente um recalque que o general sentia por não ser romano, mas, para além disso, sugerem também certo aperfeiçoamento de uma narrativa que dá evasão à perspectiva do recalque.

Ao final do capítulo *Aníbal, falho imitador*, fica evidente a presença de Aníbal apenas como *labor* de Roma, ou seja, fardo a ser superado e provação pela qual a futura dona do mundo terá que passar para fazer valer sua trajetória. As impressões lançadas por Sílio Itálico ao general evidenciam um anti-herói ou um herói em formação, primitivo em seus saberes. As incompletudes da personagem enquanto prócer talvez renunciem um líder maior que há por vir: Cipião Africano.

O segundo capítulo da tese, *O jovem Cipião e o modelo de Aquiles*, dedica-se ao estudo do jovem Cipião e de sua formação a partir das melhores características ressaltadas de variadas influências divinas.

Apesar de aparecer apenas posteriormente à batalha de Canas, Sílio Itálico o inclui com antecedência na epopeia e nos dá margem para diversas observações. Como mostra o texto, o poeta irrompe com a ordem cronológica dos fatos históricos para delimitar a presença dessa importante personagem, que utilizará do novo espaço temporal para traçar sua linha de progresso/amadurecimento enquanto líder e marcar a inversão da fortuna de vitórias romanas sobre Cartago após longo período de sucessivas derrotas.

Ao situar o período de rápido amadurecimento de Cipião, a tese acentua a urgência com que o jovem romano destacar-se-á como herói ao superar todos os feitos do general cartaginês. Para tanto, a autora descobre o rico manto de influências com o qual Sílio envolveu tamanho herói e nos mostra as linhas que o tecem. Dentre essas linhas, podemos dizer que estão os melhores fios, escolhidos cautelosamente pelo poeta, pois é a partir de Cipião que consolidaremos o retrato de um líder romano capaz de finalmente executar o *labor* representado por Aníbal.

Na perspectiva de Dibbern (2017), podemos encontrar em Cipião influências de Hércules, Aquiles, Eneias e até mesmo Aníbal. A presença de Aquiles remonta principalmente à fase inicial em que o futuro líder, ainda inexperiente, se deixa levar por fortes e pontuais emoções no campo de batalha, tais como raiva e tristeza. Aquiles, mais adiante, também será rememorado na rapidez e agilidade com que o jovem, já circunspecto, manuseará as guerras. Como referência de guerra, Cipião também terá seu arqui-inimigo cartaginês, Aníbal. Pode-se dizer que esse é o momento pelo qual Sílio esperou para inseri-lo, pois, assim como afirma Dibbern (2017, p. 107), “o valor guerreiro de Aníbal é certamente sua melhor, ou única, virtude na obra” e a construção de um bom estrategista aponta para o que já vimos anteriormente como preparo de um solo propício para manifestação das vitórias seguintes por meio do abatimento do cartaginês.

Ainda em seus primeiros passos, Cipião é visto, na perspectiva da tese, com a grandeza de Hércules, considerado por fundar várias cidades. Nessa sequência, estão presentes os aspectos do perfil do guerreiro Eneias, por sua vez, fundador de Roma, contemplado com respeitáveis valores de *pietas* e possuidor de grande respeito pela pátria. É sob a compreensão dessa última personagem que a autora ressalta a predileção com a qual Sílio Itálico constrói a camada mais firme de seu manto sobre Cipião, uma vez que estrutura o poema de modo a posicionar o jovem romano como “refundador” de uma Roma que governará o mundo pela eternidade.

No segundo momento do capítulo sobre Cipião, *Cipião Hérculeo*, é defendido o quanto, ao longo da epopeia, vários líderes romanos são relacionados a Hércules, mas somente Cipião consegue consolidar-se como “o melhor emulador do herói, ou como aquele que desempenha

as melhores faces desse modelo” (DIBBERN, 2017, p. 120). Aqui, somos lembrados também dos mitos que compõem a origem divina do romano, filho de Júpiter. Esse indivíduo que carrega em si a compilação “de tudo o que deu certo” existe não apenas para superar os cartagineses, mas os próprios líderes romanos de moral cambaleante que figuraram no poema até então.

O estudo nos leva a crer que, por meio de uma referência à *Metamorfoses*, de Ovídio, Sílio Itálico sublinha a metamorfose de um garoto inexperiente que se transforma, em pouco tempo, em um grande herói fundador e pacificador, que, por sua vez, impulsiona a metamorfose de um exército antes perdedor, mas agora revigorado. É a fase embrionária de uma nova perspectiva para romanos e cartagineses sobre a guerra.

Com Cipião ainda protagonizando o foco do capítulo, o próximo ponto, *Cipião Africano, um novo Eneias*, mostra o quanto o retorno do submundo reflete semelhanças não apenas de Hércules, mas principalmente de Eneias da *Eneida* que, ao realizar o mesmo curso, “voltará ao mundo superior na verdade imbuído de dever patriótico, ampliando a *pietas* do âmbito familiar ao patriótico” (DIBBERN, 2017, p. 145). Ao contrário de Aníbal, que, ao se impor na guerra, antecipa o próprio fim de Cartago, o jovem entra no conflito para levar a vitória que sempre foi de Roma. Sob a luz da tese, é possível inferir que a perspectiva que visa sanar o conflito para o estabelecimento da paz incrustada na figura de Cipião dialoga diretamente com os Fados e culmina na naturalização do extermínio de Cartago para o bem comum.

No tópico que finaliza a tese, *Cipião Africano e o Principado*, a problemática da autocracia lançada por Dibbern (2017) faz um bom relato do pensamento romano avesso ao regime monárquico. O texto pontua que, no canto 16 das *Púnicas*, ao receber o convite por povos Pirineus para tornar-se rei, Cipião recusa e explica a indiferença do seu povo para com a implementação de regimes autoritários. Tal compreensão tem origem nos eventos bárbaros, produtos de disputa pelo poder absoluto, os quais Roma já havia vivenciado.

Nas *Púnicas*, o ímpeto que move o governo romano contra Cartago pelo controle dos mares, no entanto, parece adquirir qualidades específicas e necessárias ao bem comum da nação e do mundo, o que não é reconhecido quando advindo da gente cadmeia. Na construção desse pensamento que supervaloriza as razões do povo romano, as alusões à *Eneida* de Virgílio são fundamentais, pois reconstróem a narrativa da Segunda Guerra Púnica sob a justificativa de profecias divinas e líderes escolhidos pelos deuses.